

EM BUSCA DA RETÓRICA DA VALIDAÇÃO NA INFORMAÇÃO CIENTÍFICA IMAGÉTICA: PRIMEIROS OLHARES¹

Email:
marciaffigueiredo@gmail.com
saldanhaquim@gmail.com

Márcia Feijão de Figueiredo²; Gustavo da Silva Saldanha³

Resumo

Essa pesquisa tem por objetivo compreender a presença e o uso de elementos retóricos em imagens científicas, construídas pelos pesquisadores com vistas à validação pelos pares. Os procedimentos metodológicos são tecidos a partir de duas etapas: a primeira apresenta os conceitos utilizados para a fundamentação teórica; a segunda identifica uma instituição que possua no seu quadro pessoas com grau de doutor em áreas diversas para análise documental e entrevista, dentro de um recorte pautado no objeto da pesquisa, a produção e o uso de imagens científicas. A pesquisa deve, por fim, se aproximar dos objetivos quando houver a apuração dos dados coletados na etapa empírica e utilizar os aportes teóricos da retórica e da validação, culminando em matrizes conceituais e análises dos dados pelo viés da linguagem.

Palavras-chave: Retórica. Validade. Informação imagética.

Abstract

This research aims to understand the presence and use of rhetorical elements in scientific images, built by researchers with a view to validation by peers. The methodological procedures are woven from two stages: the first presents the concepts used for the theoretical foundation; the second identifies an institution that has in its staff people with doctoral degrees in various fields for document analysis and interviews within a lined cutout in the object of the research, production and use of scientific images. Research should ultimately approach the goals when the calculation of the data collected in empirical step and use the theoretical contributions of rhetoric and validation, culminating in conceptual matrices and analysis of data by the approach of language.

Keywords: Rhetoric. Validity. Imagetive information.

¹ Esta pesquisa foi aprovada em exame de qualificação de doutorado realizado no PPGCI IBICT/UFRJ-ECO em 01 de setembro de 2016.

² Doutoranda e Mestre em Ciência da Informação no PPGCI IBICT/UFRJ-Eco.

³ Doutor em Ciência da Informação. Pesquisador do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Professor do PPGCI IBICT/UFRJ-Eco e da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO.

1 INTRODUÇÃO

As ciências falam do mundo? É o que se afirma. No entanto, o dedo de Edileusa designa um único ponto codificado numa fotografia que apresenta apenas ligeira semelhança, em certos traços, com as figuras impressas no mapa. À mesa do restaurante, estamos bem longe da floresta, mas Edileusa fala dela com segurança, como se a tivesse na mão. As ciências não falam do mundo, mas constroem representações que ora parecem empurrá-lo para longe, ora trazê-lo para perto. (LATOUR, 2001, p. 46)

A ciência utiliza recursos de imagem há alguns séculos e, com a “evolução” dos dispositivos tecnológicos, a possibilidade de desenvolver novos conhecimentos através do uso de uma informação imagética é facilitada com a multiplicação de fontes de informação. Ao mesmo tempo, existe uma dificuldade na escolha e no uso da imagem, pois o excesso de informações recuperáveis possibilita incidir em “erros” que podem retardar ou barrar uma pesquisa em andamento.

A preocupação, por parte do pesquisador (enquanto produtor de um argumento visando a uma audiência), em ter a imagem validada pelo público-alvo assemelha-se à preocupação da retórica no discurso, em ser não apenas compreendido, mas convencido de que o argumento é válido para o propósito em questão, dentro das regras de pesquisa. A informação imagética é, para alguns pesquisadores, o insumo necessário para comprovação de hipóteses em sua área de conhecimento, geralmente em forma de documento, onde a partir daí estabelece-se uma ação argumentativa, justificada pela visualização de um fenômeno.

Se, por um lado, o “documento” é representante essencial para a apreensão daquilo que se pode chamar de “filologia”; por sua vez, o “discurso” é o objeto privilegiado da retórica - principalmente, a experiência discursiva, ou, ainda, sua ação no mundo dos homens (SALDANHA, 2012, p. 261).

A partir dos usos das informações imagéticas no campo científico e das possibilidades de argumentação pela via imagética, observa-se a necessidade de buscar na literatura em Biblioteconomia & Ciência da Informação (BCI) as abordagens teóricas necessárias sobre o conceito de imagem (na ciência) e, principalmente, da função informativa que pode fornecer ao usuário. Do mesmo modo, compete-nos investigar, via revisões históricas, o conceito de retórica, com vistas à identificação de elementos possíveis para a avaliação no âmbito da informação imagética.

A princípio, pode-se observar que a maioria dos artigos científicos sobre imagens na BCI possuem propósitos de aprimorar os modos de tratamento para uso posterior nas comunidades de prática. Nesse trabalho, de modo distinto, existe o interesse em levantar nas principais fontes internacionais e nacionais os estudos teóricos sobre a relação entre informação e imagem, a fim de fundamentar o objeto de estudo apresentado e comprovar (ou não) também a ausência de uma literatura teórica consolidada.

2 ESTÁGIO ATUAL DO DESENVOLVIMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA

Essa seção aponta como está a pesquisa estruturada para a tese de doutorado e descreve sua travessia até o contexto da qualificação. O estudo constituiu-se em duas etapas: a primeira procurou compilar os aportes teóricos que fundamentarão os construtos teóricos e a

última etapa, ou seja, os resultados procurados, apresenta o espaço empírico de investigação. O desenvolvimento dessa tese utiliza por fundamentação uma vasta literatura acadêmica de diversas áreas de conhecimento, mas com ênfase nas áreas de Retórica, Filosofia e Ciência da Informação, sob o recorte da epistemologia da Ciência da Informação. Para a parte empírica, acredita-se que a escolha de uma base institucional seja mais adequada ao período da pesquisa, visto que existem etapas posteriores ao levantamento de teses para análise.

Propõe-se, inicialmente, no plano teórico, a apresentar os princípios teóricos e sua fundamentação histórica, no escopo das noções de retórica, imagem e ciência. A etapa de história da retórica e de seus sistemas inicia-se com Aristóteles, o primeiro autor a sistematizar a retórica, e conclui-se, na contemporaneidade (séculos XX–XXI) com Perelman, que desenvolve, a partir da abordagem aristotélica, uma “nova retórica”, ressaltando os elementos argumentativos e possibilitando a aplicação em outros formatos de informação que não fossem apenas o discurso oral.

Se em Aristóteles elabora-se a retórica enquanto sistema lógico que possibilita a análise do discurso, nos estudos da retórica no século XX pode-se afirmar que Perelman é um dos pesquisadores mais dedicados ao tema, a partir da noção de uma “nova retórica”.

Contemporaneamente, Chaim Perelman procurou revalorizar a retórica, buscando construir uma teoria que sistematizasse os traços fundamentais do uso retórico da linguagem, mostrando que mesmo o **discurso científico não estava isento de elementos retóricos e de recursos persuasivos** (JAPIASSU; MARCONDES, 2006, p. 240, grifo nosso).

Ainda na etapa de desenvolvimento histórico da retórica, o trabalho de Saldanha traz o conceito para dentro dos estudos de BCI, com ênfase nos estudos de organização dos saberes – apontando para a anterioridade do pensamento de Rafael Capurro como responsável por esta discussão, assim como Paul Otlet e Gabriel Peignot já haviam realizado, dentre outros, como caso de Ranganathan, discutido a seguir. Perelman é compreendido por Saldanha (2012, p. 299) como um autor pragmático, orientado para o estudo do caráter argumentativo da retórica que, no ponto de vista perelmaniano, a Modernidade que a havia esquecido ou negado. Na Introdução do “Tratado da Argumentação”, os autores Perelman e Olbrechts-Tyteca utilizam a terminologia de Aristóteles em “Tópicos” para enfatizar que o uso das teorias antigas da retórica como meta para a direção dos discursos é essencial porque **“é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve”** (2005, p. 6, grifo dos autores).

Como aporte dos estudos do campo da Ciência da Informação, optou-se por buscar em Saldanha (2011, 2012) elementos introdutórios para compreender o estado da epistemologia dentro desse campo e, em seguida, os pressupostos da retórica como um amplo espaço discursivo epistemológico, baseado no entendimento de Capurro que a CI é uma subdisciplina da retórica (1992). No campo da epistemologia, Saldanha observa que alguns autores denominam as correntes e enfoques da Ciência da Informação, iniciadas na década de 90 e que contribuíram para o desenvolvimento do pensamento informacional, voltados para as ciências humanas e sociais, com foco na linguagem, o que recoloca a “ênfase retórica” do posicionamento epistemológico dos estudos informacionais, ao lado da visão de Capurro.

Ainda que apenas no final do Século XX a Ciência da Informação seja interpretada formalmente no campo da retórica sob o ponto de vista capurriano, Saldanha (2012, p. 313) observa que a Organização do Conhecimento (OC) já tinha orientações no livro “As cinco leis da biblioteconomia” de Ranganathan, por exemplo, publicado originalmente em 1931. Há a preocupação de Ranganathan em fazer publicidade dos serviços oferecidos na Biblioteconomia, incutidos na “terceira lei da biblioteconomia”: todo livro tem seu leitor.

Para além da publicidade da biblioteca e o seu leitor, na análise da Organização do Conhecimento, Saldanha (2012, p. 314) apresenta uma série de noções advindas das intervenções da retórica, que demonstram a vinculação epistemológica dos temas: “educação; eloquência, vida pública, discurso, estética discursiva, leitura, leitor, repetição, persuasão, jogo de palavras, prazer, sedução, verossimilhança, escritura, memória”. O trabalho de Saldanha (2012) pode ser o elo articulador dos estudos de retórica com a ciência da informação, justificando o uso dos elementos retóricos nos estudos da epistemologia da informação. Cabe nas próximas fases da tese buscar mais insumos para levantar as relações e influências que a área possui da retórica.

Os estudos que vinculam retórica à imagem iniciam-se com uma revisão de literatura com ênfase na “retórica da imagem” de Roland Barthes. Diante da relevância de sua obra, é possível colocar o autor em diálogo com outros trabalhos que discutem a apropriação em situações possíveis de retórica imagética, como Penn (2015) e Leach (2015), que investigam a retórica como uma possibilidade de método para imagens estáticas, e Fiorindo (2012), autora que, ao estudar Barthes, consegue estabelecer vínculo com os estudos de “*ethos* em imagens” de Dominique Mangueneau (2001).

Para Penn (2015, p. 321), Barthes é o autor que “fornece a explicação mais clara e mais útil dessa nova disciplina [especificamente, aqui, a Semiologia], com relação à análise de imagens”. Dentro da relação entre imagem e linguística, a primeira que é sempre polissêmica ou ambígua com a ajuda do texto, tende a perder essa ambiguidade do visual, denominado por Barthes como “ancoragem” (PENN, 2015, p. 322).

Nesse primeiro ensaio⁴, Barthes apresenta a fotografia da imprensa e, apesar do enfoque singular, possui conceitos possíveis para outros tipos de imagens, inclusive as de viés científico. De início, o teórico francês desenvolve uma análise da fotografia de imprensa enquanto um objeto “dotado de uma autonomia estrutural”, que não permite que a transmissão por si mesma da mensagem, necessitando assim do texto no jornal.

Naturalmente, mesmo sob o ângulo de uma análise puramente imanente, a estrutura da fotografia não é uma estrutura isolada; comunica, pelo menos, com uma outra estrutura, que é o texto (título, legenda ou artigo) que acompanha toda a fotografia de imprensa. A totalidade da informação é pois suportada por duas estruturas diferentes (sendo uma linguística); estas duas estruturas são concorrentes, mas como as suas unidades são heterogêneas não podem ser misturadas; aqui (no texto), a substância da mensagem é constituída por palavras; lá (na fotografia), por linhas, superfícies, tintas (BARTHES, 2014, p. 12).

Outra observação do autor sobre a fotografia de imprensa (igualmente pertinente ao estudo de outras modalidades fotográficas) é a sua definição de “real literal”, ou seja, a redução da realidade em “proporção, de perspectiva e de cor” - “[...] evidentemente, que a imagem não é real; mas ela é pelo menos seu *analogon* perfeito, e é precisamente essa perfeição analógica que, perante o senso comum, define a fotografia” (BARTHES, 2014, p. 13).

⁴ Roland Barthes desenvolve estudos sobre a aplicação de retórica nas imagens no âmbito da publicidade, e tem sido utilizado por autores de diversas áreas de conhecimento para fundamentação teórica, ainda que posteriormente aplicado em outro objetivo ainda que de viés imagético. Contudo, uma coletânea de ensaios de Barthes sobre as imagens, intitulado *A escrita do visível* e publicado no livro “O óbvio e o obtuso” possuem diversos conceitos desenvolvidos na década de 60 do século passado para os estudos de semiologia da imagem, não se atendo apenas aos estudos de retórica da imagem.

Do mesmo modo, por se tratar de um registro da realidade, a fotografia não necessita de um intermediário, o código totalmente diferente do objeto, para transmitir a mensagem do que registrou. E não é a única: o autor aponta outras “reproduções analógicas da realidade: desenho, pintura, teatro, cinema” (p. 13), algumas compreendidas por Enser (2008) e Joly (2006) como “imagens estáticas”. Contudo, o que se pode observar na discussão barthesiana é a diferenciação da fotografia das demais obras analógicas sobre mensagens complementares a reprodução, vindas do estilo. E assim apresenta as mensagens denotadas e conotadas, junto do paradoxo fotográfico:

A conotação não se deixa, forçosamente, captar a primeira, ao nível da própria mensagem (ela é, se quisermos, simultaneamente invisível e activa, clara e implícita), mas podemos já induzi-la de certos fenómenos que se passam ao nível da produção e da recepção da mensagem: **por um lado, uma fotografia de imprensa é um objecto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas que são outros tantos factores de conotação**; e por outro, esta mesma fotografia não é só captada, recebida, mas também lida, incorporada mais ou menos conscientemente pelo público que a consome, numa reserva tradicional de signos; ora, todo o signo supõe um código, e é esse código (de conotação) que seria preciso estabelecer (BARTHES, 2014, p. 15, grifo nosso).

O autor apresenta aqui o que considera um objeto paradoxal: se, por um lado, a fotografia se propõe estritamente denotativa, por outro, ao ser trabalhada, escolhida e composta, incorpora elementos conotativos que não se deixam perceber de imediato. Assim, apresenta mensagens como as demais artes imitativas, “uma sem código (seria o análogo fotográfico), e a outra com código (seria a ‘arte’, ou o tratamento, ou a ‘escrita’, ou a retórica da fotografia).” (BARTHES, 2014, p. 15).

Do ponto de vista dos estudos informacionais, as análises imagéticas barthesianas possuem pouca recepção. Na verdade, raras são as discussões que aprofundam a questão da imagem e, especificamente, da imagem científica. Os estudos em BCI sobre recuperação de imagens de Peter Enser, por exemplo, principalmente a taxonomia desenvolvida pelo autor, é um princípio norteador para demonstrar os diversos tipos de formas e possibilidades das imagens, cuja função informativa é apenas uma das possibilidades permitidas pelo visual imagético.

Os estudos com viés antropológico de Latour (2011) demonstram como a imagem faz parte do cotidiano científico como fonte de investigação ou resultado de análise científica, em conjunto com as tecnologias científicas. Martine Joly apresenta a fundamentação teórica para estudo de imagens científicas e traz elementos que reforçam as afirmações de Latour, como o uso pleno de aparelhos para a pesquisa, onde a produção de imagens conforme a área de conhecimento ganha uma característica própria.

Compreendemos que ela designa algo que, embora não remetendo sempre para o visível, toma de empréstimo alguns traços do visual e, em todo o caso, depende da **produção de um sujeito**: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém, que a produz ou a reconhece (JOLY, 2006, p. 13, grifo nosso).

Ao abordar o uso de imagens na ciência, Joly ressalta que o uso de imagens desenvolve-se em diversos domínios científicos, mas em todas as imagens são “visualizações de fenômenos”. A diferença das imagens no domínio “é que são ou imagens ou imagens verdadeiras ou reais, ou seja, permitem uma observação mais ou menos direta e mais ou menos sofisticada da realidade e das simulações numéricas” (JOLY, 2006, p. 24).

A discussão sobre as condicionantes teóricas da retórica, da imagem, dos estudos da imagem científica na Ciência da Informação conduz-nos aos enfoques da validação na ciência e, em específico, nos estudos informacionais. O principal aporte para esta discussão está nos trabalhos publicados por González de Gómez (1999;2010;2015) que tratam do conceito e das configurações sobre validação da informação. A autora aponta noções transversais como autoridade cognitiva, credibilidade, filosofia da linguagem e, atualmente, as demandas sociais percebidas durante toda a pesquisa, que envolvem questões políticas e éticas que intervêm nas práticas epistêmicas.

Os estudos de validação, outrora voltados para a consciência, a partir do Século XIX, voltam-se para o domínio da linguagem e o viés pragmático da informação na área é discutido pela autora. O foco dos estudos de validade ganham aqui uma abordagem estruturada na teoria habermasiana. “Numa outra abordagem, a pragmática é enfatizada a condição de reconhecimento intersubjetivo de demandas de validade” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007).

O conceito de validade utilizado por González de Gómez (2007, nota de rodapé de nº2, grifo da autora) é uma “expressão genérica que, neste estudo, remeteria por igual ao conjunto dos outros termos enumerados a seguir, tal como acuidade, precisão, credibilidade e confiabilidade da informação”⁵. Os trabalhos desenvolvidos por González de Gómez em 2007 e em 2015 permitem a compreensão de uma contínua exploração conceitual, que leva ao diálogo entre ética e validação. “Daí que a ética pode estabelecer condições de confiança e compromisso, como condições iniciais para que seja reconstituída a comensurabilidade local dos plurais discursos e das práticas – ainda que científicas” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007).

Sobre a validade da informação, centralmente no contexto da produção de conhecimentos científicos, os estudos de 2015 demonstram que, para além dos critérios e procedimentos de validação no ato do julgamento, existem instâncias políticas e éticas por demanda social que afetam todas as demais instâncias dos procedimentos científicos, intervindo “nas agendas e práticas de pesquisa”, chamado pela autora de “mediatização social e seletiva”. “O que pode surpreender, no momento atual, o modo como as questões cruzam fronteiras antes bem estabelecidas, embaralhando princípios epistemológicos, éticos e políticos” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2015, p. 340).

E nessas questões há o que a González de Gómez (2015) chama de uma “nova crise de legitimação”. A partir da teoria habermasiana, no âmbito das várias dúvidas sobre os conhecimentos científicos, tecnológicos e suas práticas, as condicionantes contemporâneas de validação “colocam em xeque tanto a consistência e efetividade das expectativas motivacionais dos pesquisadores quanto os mecanismos normativos institucionalizados e sua implementação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2015, p. 342).

Para além da validação por item informacional, a autora trata da validade da ciência em meio à sociedade, e das ações políticas que decorrem na perda de autonomia.

De fato, encontram-se indicações da existência de um mal-estar epistêmico que coloca em questão **o lugar e a qualidade dos recursos de validação** que, em circunstâncias anteriores, foram usados como aval para resolver controvérsias e litígios, garantir prospecções e avaliações; enfim, para tomar decisões em tribunais,

⁵Na dissertação orientada por González de Gómez em 2011, os termos para a qual a validade constitui uma expressão genérica fizeram parte de uma matriz conceitual, agrupadas por três tipos de critérios, e por alguns momentos de modo concomitante pertencente a mais de um deles, a saber: qualidade da informação, autoridade cognitiva e credibilidade. Os três critérios fundamentariam estudos de julgamento avaliativo para imagens encontradas na web, após a busca da informação. Para melhor compreensão ler a Dissertação de Figueiredo. 2011, cujos dados encontram-se na parte de referências.

políticas públicas, empreendimentos econômicos e programas coletivos de ação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2015, p. 346, grifo da autora).

Assim, diante das dúvidas em torno das práticas científicas, González de Gómez (2015) aponta um “novo momento”, chamado de “integridade da pesquisa”, com possíveis consequências e relevante para uma validação pela sociedade. Algumas características sobre a integridade da pesquisa são a adoção por países destacados por volume e a relevância de “medidas públicas e privadas para reconhecer, desencorajar e punir práticas desviantes que afetam a confiabilidade e a excelência da pesquisa” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2015, p. 347).

Mesmo que o propósito desse trabalho seja compreender como o pesquisador produz imagens para validação pelos pares, pode-se afirmar que, para além da sua área de conhecimento, há a preocupação em adequar seu objeto de pesquisa às agências de fomento e às instâncias que proporcionem condições de manutenção das pesquisas. Em outros termos, o processo de criação da informação imagética é, também, um ato de argumentação com foco na validação sócio epistêmica. Tal ação de validade constrói-se, preliminarmente, a partir da “persuasão” de uma agência de fomento.

Os estudos que especificam a validação de imagens são poucos e recentes. Bruno Latour (2011), em “Ciência em Ação”, acompanha o processo de produção do conhecimento e apresenta diversas situações vivenciadas no laboratório. As experiências levam-no a refletir sobre o lado da ciência que não é publicado nas revistas científicas. A visão latouriana indica a necessária produção de uma “imagem tridimensional da dupla hélice de DNA [...] e relacioná-las com as milhares de novas sequências de ácido nucleico”, ou seja, uma imagem com os necessários fatos científicos incluídos, que se tornarão informação para outros membros da ciência e, posteriormente, aplicados na sociedade, apesar de ficar claro que a preocupação do autor naquele momento era mostrar a relação entre ciência e tecnologia (LATOUR, 2011, p. 1).

Latour faz uma descrição do momento em que o leitor discorda de uma figura que demonstra a atividade biológica da endorfina, produzida por um instrumento de laboratório onde o pesquisador trabalha. Diante da dúvida, há a demonstração na prática da ação da endorfina e da naxolona no intestino, cuja “visualização” é possível compreender através de um gráfico, feito com um fisiógrafo.

Agora percebemos de onde essa figura provém. Foi extraída dos instrumentos que estão naquela sala, e depois depurada, redesenhada e exibida. [...] Também percebemos, porém, que as imagens, constituintes da última camada do texto, são o resultado final de um longo processo transcorrido no laboratório que agora começamos a observar (LATOUR, 2011, p. 98)

Sobre o caso da endorfina, posteriormente Latour chama a ação de “um espetáculo ‘audiovisual’”. Há um conjunto visual de inscrições produzidas pelo instrumento e um comentário verbal proferido pelo cientista” (LATOUR, 2011, p. 107, grifo do autor). Mas é interessante observar como a fala do cientista, aliada à imagem, produz no autor um questionamento:

O efeito sobre a convicção é contundente, mas sua causa é mista, pois não conseguimos distinguir o que vem da coisa inscrita e o que vem do autor. A bem da verdade, o cientista não está tentando nos influenciar. Está simplesmente comentando, enfatizando, indicando, pondo os pingos nos Is e os traços nos Ts, sem acrescentar coisa alguma. Mas também é certo que os gráficos e os cliques por si sós não teriam sido suficientes para formar a imagem da endorfina saindo do encéfalo

ou dos neutrinos saindo do sol. Não é uma situação estranha? (LATOURE, 2011, p. 108).

Compreende-se, preliminarmente, junto ao olhar latouriano, que a ação do cientista é constituída de elementos de retórica porque, ao agir através de experiências discursivas, como comentar, enfatizar e indicar, não estamos diante apenas de fatos científicos elencados, mas, sim, perante o uso de recursos retóricos para o convencimento de quem vê a demonstração. Outro caso citado por Latour descreve o momento que um cientista expõe o fenômeno da contagem de neutrinos no tanque que os captura do sol através de um gráfico. Aqui, a ação do cientista é a de um “porta-voz”, ou seja, o interlocutor, o portador de discurso, condição esta que nos coloca mais diretamente ainda dentro do contexto de produção retórica do conhecimento imagético, visando à validação sócio epistêmica a partir dos mecanismos de validade institucional-acadêmica.

Para que tais diálogos teóricos indicados acima se articulem em uma conformação analítico-empírica, assim como o faz a abordagem latouriana, interessada diretamente na “experiência da criação científica”. Com o intuito de estabelecer o recorte para a pesquisa empírica, optou-se em escolher uma instituição que possuía servidores com grau de doutor em seu quadro. Em razão de nosso conhecimento prévio e da experiência profissional dos autores, identificou-se que a escolha do Colégio Pedro II atende a esses critérios, pois, de acordo com o levantamento institucional, atualmente, duzentos servidores possuem o grau de doutor em áreas diversas (OLIVEIRA, 2016).

De acordo com a classificação do Colégio Pedro II no Diretório de Pesquisa do CNPq, o Cadastro de Informações Institucionais (CADI), trata-se de uma Autarquia Federal, localizada no Estado do Rio de Janeiro, cuja categoria administrativa é o ensino superior público federal, pois a Lei 12.677, de 25 de junho de 2012, equiparou a instituição aos Institutos Federais de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. As áreas destinadas à pesquisa no Diretório são as de número 85.1 - educação infantil e ensino fundamental e 85.3 - educação superior. Os grupos de pesquisa encontram-se descritos na página da Diretoria de Pesquisa e são tidos por “essenciais para o desenvolvimento da pesquisa e para a articulação de cursos de pós-graduação tanto *Strictu Sensu* como *Latu Sensu*” (COLÉGIO, 2016).

Para a realização da pesquisa na instituição, foi necessária a abertura de um processo para solicitar atividades de investigação científica no local, anexando o Plano de Estudos com a proposta de estudo desejada e o cronograma de atividades. Assim, registrou-se no Protocolo a intenção de pesquisa, através do processo de número 23040.003250/2016-04. Em 14 de junho, houve o parecer de aprovação pelo Diretor de Pesquisa.

De posse dos nomes dos doutores da instituição, pode-se realizar a busca de perfis descritos dentro da Plataforma Lattes, através do Currículo Lattes, descrevendo a área de conhecimento onde se doutorou o atual docente da instituição (potencial população desta pesquisa) e, em um segundo momento, acessando-se a íntegra da tese. Se na tese identificássemos elementos imagético-científicos como fundamentos para o estudo, o documento era pré-selecionado na relação de potenciais investigados.

A princípio, para avaliar o perfil, considerou-se necessário mapear a ocorrência de imagens científicas para a construção dos argumentos do objeto de pesquisa, como margem condicionante para fundamentar ou refutar a hipótese inicial. Constatamos, no entanto, a existência de outras facetas das imagens de uma tese, como a parte de produção da imagem, a fonte, tipo de imagem e a tecnologia utilizada para a sua geração, e outros dados que possibilitarão análises mais ricas posteriormente. Assim, optou-se em criar um formulário para análise dos dados prévios por entrevistado.

Todos os entrevistados deverão ter os formulários preenchidos antes da entrevista e os dados obtidos compilados em um formulário síntese. Para além das entrevistas, acredita-se que os dados analisados podem oferecer insumos para um mapeamento do uso de imagens nas ciências. É possível que a parte de apuração dos dados obtidos da parte empírica divida-se entre a análise dos formulários e as entrevistas concedidas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prévia análise dos currículos de pouco mais de duzentos servidores, a escolha dos entrevistados, a apuração das imagens da tese e a entrevista podem trazer elementos diferentes com a mesma conotação. Do mesmo modo, em termos hipotéticos, acredita-se que a análise das teses, conjugadas com as entrevistas, permitirão que a apuração de dados utilize, para além dos termos quantitativos, relações entre os elementos retóricos e os argumentos, junto da correlação dos recursos utilizados pelos pesquisadores para justificar o uso das imagens nas teses defendidas. É viável pensar em fazer dessas relações matrizes conceituais, que explicitam as intenções dos pesquisadores com a retórica.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Tradução de Isabel Pascoal. Lisboa: Edições 70, 2014.

COLÉGIO PEDRO II. Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional. **Relatório de gestão do exercício de 2014**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2015/SETEMBRO/RG_VERA_EXPLICADO_5-6.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2016.

ENSER, Peter. Visual image retrieval. **Annual Review of Information Science and Technology**, White Plains, v. 42, p. 1-42, 2008.

FIGUEIREDO, Márcia Feijão de. **Busca e validação da informação imagética na web**. Rio de Janeiro, 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2011.

FIORINDO, Priscila Peixinho. Ethos: um percurso da retórica a análise do discurso. **Revista Pandora Brasil**, n. 47, out. 2012. Disponível em: <<http://revistapandorabrasil.com/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Caráter seletivo das ações de informação. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 5 n. 2, p. 7-31, 1999.

_____. Novas configurações do conhecimento e validade da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIENCIA DA INFORMACAO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/>>. Acesso em: 8 fev. 2010.

_____. Validade científica: da epistemologia à política e à ética. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 339-359, nov. 2015.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução de Marina Appenzeller. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2006.

LATOURE, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução de Ivone C. Benedetti. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

_____. Referência circulante: amostragem do solo da floresta amazônica. In.: _____. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Tradução de: Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru: EDUSC, 2001.

LEACH, Joan. Análise retórica. In.: BAUER, Martins W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. Cap. 12.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do Ethos. In.: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). **Ethos discursivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 11-30.

OLIVEIRA, Márcia Martins de. **Relação de docentes com o título de doutor**. E-mail enviado em: 08 jun. 2016.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In.: BAUER, Martins W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. Cap. 13.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SALDANHA, Gustavo Silva. **Uma filosofia da Ciência da Informação**: organização dos saberes, linguagem e transgramáticas. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2012.

_____. Entre a Retórica e a Filologia: do pragmatismo ao humanismo na epistemologia da Ciência da Informação. **InCID**: Revista de Ciência da Informação e Documentação, v. 2, n. 1, p. 47-67, jun. 2011. ISSN 2178-2075. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42334>>. Acesso em: 28 abr. 2016.